# A ARTE E A EDUCAÇÃO: PRÁTICAS INOVADORAS

MARIA DANÚBIA MOREIRA DAROZ

RESUMO

A educação e a arte constituem pilares fundamentais para o desenvolvimento humano, integrando-se em um processo contínuo de criatividade e expressão. O ensino das artes visuais destaca-se como uma prática capaz de impactar significativamente a formação intelectual e emocional dos estudantes. Nas salas de aula, os instrumentos pedagógicos promovem a construção do conhecimento por meio de conceitos e teorias essenciais. Ao mesmo tempo, as atividades artísticas oferecem oportunidades para experiências sensoriais e simbólicas, ampliando o repertório expressivo dos alunos. O ensino das artes visuais vai além da mera transmissão de técnicas, representando um estímulo constante à imaginação, à experimentação e ao autoconhecimento. Através de práticas como pintura, escultura e fotografia, os alunos aprofundam sua compreensão tanto do contexto externo quanto de si mesmos. A formação artística contribui para o desenvolvimento integral, promovendo criatividade, sensibilidade estética, pensamento crítico e empatia. Além disso, incentiva a autoexpressão, permitindo que cada indivíduo desenvolva e compartilhe sua identidade singular. Ao incorporar as artes ao currículo escolar, potencializa-se um aprendizado significativo e abrangente, tornando a escola um ambiente propício à autodescoberta e ao respeito às diferenças. Dessa forma, o equilíbrio entre o saber acadêmico e a liberdade criativa proporciona condições favoráveis ao cultivo de mentes inovadoras e cidadãos mais humanizados. Portanto, a integração efetiva entre educação e arte revela-se essencial para a construção de uma sociedade mais criativa, ética e sensível às transformações do mundo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Artes Visuais; Criatividade; Expressão.

## INTRODUÇÃO

A forma como os professores encaram sua atuação profissional é fundamental para compreendermos como as práticas de ensino se relacionam com a produção artística. Essa perspectiva abre espaço para refletirmos sobre diferentes maneiras de construir conhecimento e ação em Artes Visuais dentro da escola.

Entender o papel das Artes Visuais no ambiente escolar exige reconhecer que há múltiplos caminhos para ensinar e aprender nessa área. Há diversos modelos de ensino, cada um oferecendo uma visão ampla sobre as possibilidades disponíveis ao professor. Segundo Joyce et al., um modelo de ensino pode ser entendido como uma descrição de um ambiente de aprendizagem (JOYCE, WEIL E CALHOUN, 2002, p. 36). Ainda que esses modelos abordem conteúdos variados, é importante notar que eles são fortemente influenciados pelas abordagens de ensino adotadas. Essas abordagens determinam como entender, apresentar e incentivar o

aprendizado em Artes Visuais, além de englobarem métodos, tradições e modos de construção próprios dessa disciplina.

Especialmente nas últimas décadas, as discussões teóricas sobre arte- educação ganharam profundidade, servindo de base para desenvolver abordagens coerentes e fundamentadas no ensino de Artes Visuais. Esse enriquecimento resulta tanto da incorporação de novos pensamentos filosóficos quanto de perspectivas inter, intra e transculturais, além da consideração de problemas presentes na realidade educacional do ensino básico e médio. As experiências humanas, por exemplo, levantam novas questões sobre os desafios enfrentados pela educação (EISNER & DAY, 2004). Essas discussões permitiram desafiar o conceito universalizante de conhecimento oriundo da modernidade, que privilegiava a racionalidade e a suposta neutralidade do sujeito. A partir da valorização do pensamento qualitativo, tornou-se possível abordar fenôme-

nos mais diversos, afetando diretamente a produção artística. A multiplicidade de imagens amplia nosso entendimento sobre as manifestações artísticas contemporâneas, evidenciando a complexidade da experiência estética vivida hoje na escola. Por consequência, a formação artística também precisou incorporar esses temas à sua proposta curricular, repensando estratégias de ensino, motivações, alcance e limites da prática cotidiana.

Contudo, pensar a complexidade apresenta desafios: significados abertos podem dificultar a apropriação rigorosa de conceitos essenciais para compreender as propostas da arte contemporânea. Muitas vezes, o baixo nível de conhecimento artístico decorre de aprendizagens pouco aprofundadas (EFLAND, 2004). Assim, é essencial explorar criticamente os conceitos abordados pelo ensino de Artes Visuais, tratando-os como construções dinâmicas e desafiadoras, e não como conteúdos fixos ou procedimentos mecânicos.

Dessa maneira, torna-se evidente a importância de promover reflexões sobre a docência em Artes Visuais, os processos cognitivos envolvidos, suas relações inter e transdisciplinares e os significados atribuídos à sensibilidade – ultrapassando a simples análise racional ou o domínio técnico da representação. O objetivo é fazer com que futuros professores reflitam sobre suas próprias concepções de arte, desenvolvam práticas docentes integradas ao pensamento complexo, proponham métodos problematizadores da realidade e criem estratégias que vão além da estética tradicional.

Por fim, este texto propõe discutir questões como: Existe diferença significativa na forma como o processo didático acontece no ensino de Artes Visuais, especialmente na relação entre aluno e professor? Os profissionais mantêm perspectivas particulares sobre como gerar conhecimento ou experiência artística? Ao considerar diferentes abordagens de ensino, busca-se delinear estratégias mais precisas e eficazes para o ensino de Artes Visuais no contexto escolar.

## OFICINA MESTRE-APRENDIZ

A arte envolve criação e tende a desenvolver habilidades, virtuosismo, habilidades para agir, interpretar ou fazer algo. A arte aqui será entendida como uma atividade humana na qual se expressa uma visão pessoal que representa a realidade vivida ou imaginada. Essa expressão e representação pode ser através de uma grande variedade de formas plásticas, dançantes, sintáticas que pressupõem

níveis de significado denotado e conotado, escrito ou falado, musical – seja cantado ou instrumental. A arte não é apenas a realização prática que tende a ser aperfeiçoada, é também o raciocínio e a interpretação intelectual que visam compreender essas práticas e dar-lhes um significado explícito e comunicável através do logos.

Existem formas artísticas, como a música ou a dança, que não envolvem uma estrutura lógica. No entanto, no campo da educação, muitas vezes será conveniente incentivá-los a serem analisados como parte da experiência vivida, para serem interpretados por meio do raciocínio lógico, especialmente quando isso nos ajuda a entender melhor as relações implícitas que definem ou inauguram uma ação valiosa.

A base dessa abordagem está nas habilidades e conhecimentos transmitidos por meio de uma tradição, repassada através da visão técnica, sensível e criativa de um artista experiente. O método mestre-aprendiz depende muito das condições culturais formadas pela consciência autoral das obras, principalmente desde o Renascimento e estilos posteriores que surgiram na era moderna.

Essa perspectiva se fundamenta nos conceitos de Oficina do Artista apresentados por Marín (1997) e Belver (2011), e na definição de Arte como Conhecimento segundo Agirre (2005). O que une esses modelos é a ideia de uma pureza da obra de arte, associada diretamente ao talento do artista criativo. Ao manter contato contínuo com seu aprendiz, o artista possibilita o desenvolvimento de habilidades voltadas à produção artística de qualidade plástica.

O ensino busca estimular os alunos a desenvolverem sensibilidade, explorando aspectos técnicos em diversas mídias artísticas a partir de sua própria percepção. Além disso,

visa promover o reconhecimento dos contextos históricos e culturais ligados à obra de arte como resultado das competências sensíveis do artista. Justifica-se também as funções e significados da arte, sua relação com o formalismo e a utilização instrumental das técnicas escolhidas, sempre respeitando a tradição e valorizando materiais considerados nobres para uma execução tecnicamente excelente.

O conhecimento é transmitido por meio da imitação e repetição de padrões artísticos, promovendo um olhar atento entre realidade e representação. A aprendizagem evolui conforme o aluno adquire competências sob a supervisão do professor-artista, que enxerga nesse processo a formação de uma carreira profissional, frequentemente guiada por vocação.

No contexto escolar, há uma abordagem indutiva em que o professor orienta o aprendizado, aplicando habilidades técnicas advindas da tradição artística para atingir expectativas específicas. Assim, a experiência estética valoriza fortemente os aspectos formais da imagem, considerando-os fundamentais para distinguir uma boa obra, transcendendo a sensibilidade cotidiana.

O professor atua também como modelo, incentivando os alunos a reproduzirem estratégias e técnicas, assumindo o papel de mestre. É imprescindível fornecer feedback constante sobre as ações dos aprendizes, suas decisões no processo artístico e eventuais erros cometidos durante o ensino.

Em resumo, o objetivo principal dessa abordagem é resgatar uma experiência estética que reflita o trabalho adequado do artista, criando representações que funcionam como imagens virtuosas do mundo. Essa abordagem pode parecer restritiva, pois foca na representação visual da realidade como referência central, mas também proporciona uma vivência estética mediada pelo ato de imitar o desenvolvimento artístico orientado pelo professor.

## ARTE NA INSTITUIÇÃO

A presente abordagem concentra-se nas convenções da institucionalidade artística estabelecidas no contexto europeu, especialmente com a fundação da Academia de Belas Artes. Neste ambiente, a adoção de formas canônicas de representação define o que é considerado uma "boa obra", sustentada por construções formais consolidadas. Na Academia, a arte assume majoritariamente um caráter de racionalidade esclarecida, incorporando leis formais rigorosas que fundamentam a noção de beleza.

Esse referencial emerge da integração do sistema da Academia de Belas Artes descrito por Marín (1997), do modelo de Escolas de Artistas e Academias institucionalizadas apresentado por Belver (2011) e das análises de Efland et al. (2003). Tais estudos situam-se no século XVII, sob o paradigma da Idade da Razão Iluminada, período em que o pensamento científico passou a articular relações tanto com o absolutismo político quanto com sua posterior transição ao parlamentarismo. Nesse contexto, a arte torna-se instrumento para a valorização dos atributos formais da imagem, priorizando elementos racionalizados e vinculados à representação óptica. A ênfase nos componentes visuais estabelece a ótica como elemento essencial do regime escópico moderno.

Nos primórdios da Academia de Belas Artes, conforme Efland et al. (2003), os princípios artísticos eram transmitidos aos membros por meio de aulas e conferências, utilizando desenhos extraídos da observação direta. Aspectos como perspectiva, geometria, anatomia e análise pictórica sob categorias como invenção, proporção, cor, expressão e composição eram centrais na formação acadêmica entre os séculos XVII e XIX. Trata-se de um método que supera a sensibilidade individual do artista, consolidando conhecimento técnico compartilhado, fidelidade ao modelo e conformidade às normas visuais. Nesse sentido, as academias orientavam os artistas a produzirem obras visuais marcadas pelo rigor mimético e técnico, características desenvolvidas principalmente na Europa.

O modelo acadêmico contempla estratégias didáticas voltadas à aquisição de conhecimentos disciplinares, validados por método regulado e consistente com a racionalidade instrumental. Essa abordagem permite o controle na representação imagética basea-

da na realidade, sendo aplicada em produções visuais — desenho, pintura, escultura —, e preservando parte da tradição e nobreza dos materiais utilizados.
No âmbito pedagógico, exige-se que os conteúdos sejam organizados sequencialmente, promovendo sistematização na progressão do conhecimento, pois cada tópica serve de pré-requisito para a seguinte dentro de programas delimitados. No cenário escolar, espera-se que o aluno memorize conteúdos disciplinares tanto por definição quanto por associação, sobretudo por reconhecer espaços ou objetos específicos que servirão de referência visual para suas produções. Por exemplo, na assimilação do conceito de simetria, é imprescindível que o estudante identifique tal propriedade nos elementos observados em seu entorno.
A abordagem acadêmica de ensino artístico fundamenta-se em âncoras e associações, recorrendo à repetição de procedimentos e à memorização de conceitos-chave para aplicação prática, constituindo uma estratégia de geração de conhecimento alinhada à perspectiva clássica da arte.

Em sala de aula, aplica-se uma programação sistemática cujo objetivo é atingir resultados formais previamente aceitos pela comunidade acadêmica. O trabalho visual realizado deve demonstrar excelência técnica além das motivações expressivas individuais do criador, sob constante supervisão docente. Assim, a experiência estética é delimitada por uma predominância da racionalidade, instrumental e conceitual, orientando a exploração dos fenômenos sensíveis como estímulos perceptivos de natureza concreta, menos interpretativa.
Nesse contexto, as operações estéticas concentram-se na apreciação dos aspectos formais do mundo, atribuindo-lhes valores nominais e facilitando o entendimento da sensação imediata e da racionalização perceptiva.
As potencialidades e limitações advindas desta abordagem abrangem a construção do conhecimento formal, suas linguagens e métodos de trabalho, permitindo expansões para áreas como geometria, anatomia e fenômenos ligados à visualidade. As restrições aparecem quando se privilegia o peso das normas sobre a expressão sensível do artista, podendo limitar as oportunidades de manifestação criativa.
Acreditamos que nunca é demais falar da relevância da criatividade durante a formação integral do indivíduo e, mais especificamente, em seu papel de cidadão livre, responsável e comprometido com a sociedade. Por que não continuar a deixar aos artistas e intelectuais a função que sempre lhes foi e que os leva a dar impulso à sua imaginação para oferecer ao mundo algo novo? Por que nós, alunos e/ou professores, também carregamos o peso dessa tarefa, para a qual não fomos preparados nem social nem profissionalmente?
Bem, simplesmente porque os seres humanos nunca estão totalmente satisfeitos com o que possuem e, consequentemente, buscam permanentemente melhorar seu ambiente ou suas condições de vida por meio do pensamento criativo. Desde a origem de todas as coisas e em todas as culturas, a criatividade nasceu no ser humano a partir de seu "inconformismo que o levou a transcender suas necessidades mais básicas, a se projetar na transformação e na inventividade como meio de alcançar sua auto-realização pessoal e social. Portanto, a dimensão criativa tornou-se a energia dinâmica da história" (RODRÍGUEZ, 2008, p. 14).
Além disso, a criatividade também se explica hoje pelo fato de que, diante do movimento, da complexidade e da mudança social permanente e imprevisível, necessariamente nos projetamos no futuro. "A humanidade está presa pela tecnologia, pela desumanização, pela corrida espacial e pelo risco atômico. Só uma educação criativa e humana emerge como uma torre de vigia que está nas nossas mãos" (DE LA TORRE, 2007, p. 15). Esse mesmo autor enfatiza a natureza inevitável do uso do recurso da criatividade para enfrentar a crise radical de valores em que estamos submersos.
No entanto, a criatividade enfrenta um verdadeiro desafio, pois, além de ainda não ser vista como um valor essencial na formação pessoal do ser humano, deve ser difundida em uma sociedade marcada pelo uso de tecnologias cada vez mais desenvolvidas. Vale ressaltar aqui que as tecnologias continuam cumprindo uma função de reprodução de in-

formações muito distante da complexidade da mente humana, propensa a ações baseadas na reflexão crítica e que se expressa em oposição a tudo o que não parece verdadeiro, adequado ou correto. Especialmente no contexto atual marcado pelo risco da uniformização do pensamento, é preciso insistir em como a criatividade se tornou necessária para neutralizar os efeitos perversos dessa uniformização do pensamento, razão pela qual, como comenta

Marín Ibáñez (citado em RODRÍGUEZ, 2008), a criatividade tem um lado no campo da conduta moral e dos valores. e, portanto, responde a uma exigência moral e axiológica.
No campo do desenvolvimento social, a criatividade deve logicamente tender a ser democratizada. Segundo Rodríguez (2008, p. 21), socializar a criatividade: "consiste em possibilitar a distribuição social do potencial criativo que todos possuímos como membros da espécie humana, ou seja, tornar comum o extraordinário, disseminar e disseminar a riqueza criativa, o tesouro interno que todos carregamos conosco e que poucos veem como possível a capacidade de abrir esse baú".
A difusão da criatividade de que falamos se dará necessariamente por meio da educação que, para Jacques Delors (1994, p. 22): "tem a missão de permitir a todos, sem exceção, fazer frutificar todos os seus talentos e todas as suas capacidades criativas, o que implica que cada um possa assumir a responsabilidade por si mesmo e realizar seu projeto pessoal".
Eis um conceito-chave no campo atual da formação humana: o projeto de vida, a meta e a finalidade da formação crítica do ser humano, do qual emerge claramente o papel da educação como busca da criatividade do homem voltada para a elaboração de uma nova filosofia do ser humano na entrega, já enfatizado por Edgar Morin, para enfrentar a incerteza assumida pelo quinto conhecimento para a educação do futuro:
O abandono dos conceitos deterministas da história humana que acreditavam poder prever nosso futuro, o exame dos grandes eventos e acidentes de nosso século que foram todos inesperados, o caráter doravante desconhecido da aventura humana, devem nos levar a preparar nossas mentes para esperar o inesperado e ser capaz de enfrentá-lo. É imperativo que todos aqueles que carregam o fardo da educação estejam na vanguarda da incerteza de nossos tempos (MORIN, 1999, p. 11).
Diante do complexo quadro que a realidade constitui, vemos então, além da necessidade absoluta de uma educação para o pensamento criativo, o processo em que os professores devem atuar como guias no caminho para o mundo de amanhã que nossos alunos irão forjar. Uma vez estabelecido isso, no entanto, devemos nos perguntar sobre o real impacto dessa formação nos indivíduos, bem como sobre os processos que os professores devem realizar para implementar a criatividade em sua prática e gerá-la em seus alunos.

## EXPRESSÃO E CRIAÇÃO PESSOAL

O principal elemento desta abordagem está intrinsecamente atrelado ao conceito de criatividade, sendo relevante discutir as diferentes definições desse termo. Neste contexto, a criatividade é compreendida como um processo individualizado de construção de imagens com múltiplos significados.
A estrutura do modelo incorpora conceitos relacionados à Expressão Pessoal Criativa (EISNER, 2004), ao Desenvolvimento do Génio e da Capacidade Criativa (MARÍN, 1997) e à Arte como Expressão (AGIRRE, 2005). Um ponto comum entre essas abordagens é o enfoque no estímulo à expressão de impulsos pessoais que favorecem a produção criativa, afastando-se das orientações oriundas de métodos tradicionais ou de estruturas formais do ensino e da aprendizagem artística.

Diversos movimentos artísticos visuais, surgidos durante os conflitos armados da primeira metade do século XX, promoveram o distanciamento em relação à predominância técnica e racional presente nas artes. Tais manifestações, classificadas como vanguardistas, consideravam esses fundamentos um reflexo das ameaças sociais resultantes do avanço tecnológico e de estruturas desumanizantes. Em resposta, valorizou-se a

expressão espontânea, sensível e individualizada, frequentemente preterida pela hegemonia racional precedente.
No âmbito educacional, o imaginário artístico visual adquiriu especial relevância, estimulando a emergência de novos movimentos expressionistas e reconstrucionistas após a Segunda Guerra Mundial na Europa e nos Estados Unidos. Destaca-se, nesse cenário, a valorização das produções visuais infantis e a importância da arte para o desenvolvimento da criatividade, conforme evidenciado por Lowenfeld e Brittain na década de 1950. Essas referências sustentam uma proposta de educação artística desvinculada dos moldes disciplinares e das normas acadêmicas vigentes, abrindo espaço para a expressão espontânea e reconhecendo a imaginação como elemento central da criatividade e expressão individual.
A transposição desse modelo para práticas pedagógicas requer que o estudante desenvolva sua própria sensibilidade, vivenciando experiências estéticas que estimulem processos criativos autorais. O papel do docente passa a ser o de facilitador e orientador diante das soluções visuais geradas pelos interesses e motivações dos alunos. Destaca-se, ainda, que a avaliação centra-se nos desafios propostos pelos próprios estudantes, não sendo baseada no domínio de conhecimentos disciplinares previamente estabelecidos pelo professor.
Essa metodologia possibilita ao aluno manifestar suas emoções e anseios de forma criativa, promovendo um diálogo interno sobre tais questões. Em sua operacionalização, o aluno expressa e define suas emoções, cabendo ao professor incentivar a reflexão e verbalização dessas experiências. Posteriormente, o estudante traduz visualmente seus sentimentos utilizando diferentes meios, ampliando o potencial interpretativo de suas manifestações. Esta abordagem mostra-se especialmente compatível com práticas educacionais que priorizam a percepção subjetiva, a experimentação prática, a imaginação individual e o domínio técnico como estratégias para a criação sensível. A experiência estética, nesse contexto, resulta das escolhas do sujeito, que explora as possibilidades visuais oferecidas tanto pelo material selecionado quanto pelas próprias inquietações advindas da intuição, memória e imaginação.
Entre as principais vantagens destacam-se a ampliação da consciência sobre o processo criativo, a integração de áreas do conhecimento capazes de propiciar novas experiências inovadoras, e o reconhecimento da busca pela inovação como valor artístico. Por outro lado, caso o conceito de autoexpressão não seja devidamente esclarecido, há o risco de uma excessiva relativização e subjetividade na produção e interpretação de obras artísticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento das artes, o ensino das artes e a educação por meio das artes são conceitos distintos. A pedagogia, enquanto disciplina voltada para o entendimento dos processos educativos, diferencia os atos de conhecer, ensinar e

educar. Parte-se do princípio de que nem todo conhecimento conduz à ação e nem todos os ensinamentos têm caráter educativo. A relação entre as artes e a educação pode ser examinada sob critérios pedagógicos, o que implica reconhecer que a educação artística é, fundamentalmente, uma forma de educação e, como tal, deve promover valores inerentes ao propósito da própria educação, assim como qualquer outra área de estudo. Ademais, a arte-educação possui uma dimensão "artística", na medida em que oferece tanto valores educativos específicos, relacionados à experiência estética, quanto valores especializados, atrelados ao domínio teórico, tecnológico e prático das artes enquanto campo de formação e atuação profissional.
No contexto escolar, este espaço se configura como um ambiente privilegiado onde se realizam e compartilham experiências pessoais e coletivas dos estudantes, ocorre a aquisição de grande parte do conhecimento, e são desenvolvidas atividades voltadas ao fortalecimento de competências emocionais, cognitivas, psicomotoras e atitudinais, ampliando o repertório simbólico e representacional necessário para compreender o mundo a partir das complexas interações

sociais, culturais e educativas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIRRE, I. (2005). Teorias e práticas em arte--educação. Barcelona: Octaedro. BELVER, M. (2011). Artistas e modelos de ensino. In M. Acaso, M. Belver, S. Nuere, M.C. Moreno, N. Antúnez e N. Ávila, Didáctica de las Artes y la cultura visual (pp. 13-34). Madri: Akal.
EFLAND, A. (2004). Arte e cognição. A integração das Artes Visuais no currículo. Barcelona: Octaedro.
EFLAND, A., FREEDMAN, K., & STUHR, P. (2003). Educação em arte pós- moderna. Barcelona: Paidós.
EISNER, E. (2004). Arte e a criação da mente. Barcelona: Paidós.
EISNER, E., & DAY, M. (2004). Manual de Pesquisa e Política em Educação Artística. Londres, Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
MARÍN, R. (1997). Ensino e Aprendizagem em Belas Artes: Uma Revisão dos Quatro Modelos Históricos de uma Perspectiva Contemporânea. Revista de Arte, Indivíduo e Sociedade, 9, 55-77.
RODRÍGUEZ HERNÁNDEZ, A.-F. (2008), "A dimensão social da criatividade",
em La Creatividad. Um bem cultural da humanidade, México, Trillas.